

Principais questões a que é preciso responder para tratar do **NARRADOR**:

- 1) **QUEM** conta a história?
Trata-se de um narrador em 1ª ou em 3ª pessoa?
De uma personagem em 1ª pessoa?
Não há ninguém narrando?
- 2) De que **POSICAO** ou **ÂNGULO** em relação à história o narrador conta?
Por cima?
Na periferia?
No centro?
De frente?
Mudando?
- 3) Que **CANAIS DE INFORMAÇÃO** o narrador usa para comunicar a história ao leitor?
Palavras?
Pensamentos?
Percepções?
Sentimentos?
Do autor?
Da personagem?
Ações?
Falas do autor?
Da personagem?
Ou uma combinação disso tudo?
- 4) A que **DISTÂNCIA** ele coloca o leitor da história?
Próximo?
Distante?
Mudando?

O **AUTOR IMPLÍCITO** é uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele que comanda os movimentos do **NARRADOR**, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem em que se narram indiretamente os fatos ou em que se expressam diretamente as personagens envolvidas na HISTÓRIA. Eis os tipos de narrador:

• **NARRADOR ONISCIENTE INTRUSO**

Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, adotando um **PONTO DE VISTA** (ou FOCO NARRATIVO) divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse *de fora*, ou *de frente*, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam

suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.

Fielding, em *Tom Jones*, e Tolstói, em *Guerra e paz*, intercalam capítulos inteiros de digressões à narração da história, como se fossem verdadeiros ensaios à parte.

Quem narra? Um narrador onisciente intruso, um *eu* que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta, analisa e critica, sem nenhuma neutralidade.

De que lugar? Provavelmente de cima, dominando tudo e todos, até mesmo puxando com plenos domínios as nossas reações de leitores e driblando-nos o tempo todo.

Quem nos fala? Esse *eu*.

Através de quais canais? São os mais variados, predominando a sua própria observação direta.

A que distância? Ao mesmo tempo menor, do narrado – já que temos acesso até aos pensamentos das personagens –, e maior, porque a presença do narrador medeia sempre, ostensiva, entre nós e os fatos narrados, conservando-nos ironicamente afastados deles, impedindo nossa identificação com qualquer personagem bem como frustrando a absorção na sequência dos acontecimentos, com pausas frequentes para a reflexão crítica.

Muito comum no séc. XIII e no começo do séc. XIX, o **NARRADOR ONISCIENTE INTRUSO** saiu de moda a partir da metade do sec. XIX, com o predomínio da “neutralidade” naturalista ou com a invenção do **INDIRETO LIVRE** por Flaubert, que preferia narrar como se não houvesse um narrador conduzindo as ações e as personagens, como se a história se narrasse a si mesma.

• **NARRADOR ONISCIENTE NEUTRO**

O **NARRADOR ONISCIENTE NEUTRO** fala em 3ª pessoa. A caracterização das personagens é feita pelo NARRADOR, que as descreve e explica para o leitor. As outras características referentes a ângulo, distância, canais são as mesmas do NARRADOR ONISCIENTE INTRUSO, do qual este se distingue apenas pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sob o comportamento das personagens.

Exemplo:

“O rosto de Spade estava calmo. Quando seu olhar encontrou o dela, seus olhos, amarelo-pardos, brilhavam por um instante com malícia, e depois tornaram-se de novo inexpressivos. – Foi você que fez isso – perguntou Dundy à moça, mostrando com a cabeça a testa ferida de Cairo. Ela olhou de novo para Spade, que não correspondeu absolutamente ao apelo dos seus olhos. Encostado ao batente, observava os circunstantes com o ar educado e desprezado de um espectador desinteressado.” (*O falcão* maltês, Dashiell Hammet)

No prefácio do livro *Aos olhos da multidão*, que reúne algumas de suas reportagens enquadradas no Novo Jornalismo, Gay Talese explica como um jornalista pode saber o que se passa no íntimo das personagens de seus textos: “Procuro seguir discretamente o objeto de minhas reportagens, observando-o em situações reveladoras, anotando suas reações e a dos outros. Tento absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito e então escrevo tudo do ponto de vista de quem estou focalizando, revelando inclusive, sempre que possível, o que os indivíduos pensam nos momentos que descrevo. Essa visão interior só pode ser obtida, naturalmente, com a plena cooperação do sujeito, mas se o escritor goza da confiança

daqueles que focaliza, isto se torna viável por meio de entrevistas, onde a pergunta certa é feita no momento exato. É assim possível saber e registrar o que se passa na mente das pessoas. Uma das técnicas de construção da narrativa no texto do Novo Jornalismo, segundo Tom Wolfe, era a de apresentar cada cena para o leitor através dos olhos de uma personagem, dando ao leitor a sensação de estar dentro do pensamento da personagem e sentindo a realidade emocional da cena como ela a sentiria.

• NARRADOR-TESTEMUNHA

Narra em 1ª pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil.

No caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é, necessariamente, mais limitado. Com personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu ou ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos.

Exemplos: romances de Arthur Conan Doyle, onde quem narra é o auxiliar de Sherlock Holmes, Dr. Watson; o conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, em que o amigo do detetive Auguste Dupin é quem observa, junto conosco, os vários lances que levam Dupin à trilha da carta. Também pode ser citado *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, em que a narrativa é feita por um monge (Adso Melk), já velho, que na época dos crimes no mosteiro era um jovem noviço, acompanhante do personagem central (Guilherme de Baskerville).

• NARRADOR-PROTAGONISTA

Neste caso, desaparece a onisciência. O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.

Exemplo:

A 200 metros de mim, explode outra mina. Seguem-se gritos angustiantes de dor. Tudo pára. [...] Ouço uma explosão fantástica. É um tuim interminável que me atravessa os ouvidos de um para o outro lado, dá-me sensação de grandiosidade. Sinto-me no ar, voando, mas, ainda assim, com uma certa tranquilidade [...]. Uma cortina espessa de fumaça bloqueou-me toda a visão. Tive certeza, então, de que a bomba tinha explodido a alguns metros de mim [...]. Um segundo após me senti no chão, sentado [...]. Foi aí que senti a perna esquerda. Os músculos repuxavam a coxa com tal intensidade que eu não me equilibrava sentado. Para não cair, rodopiava sobre mim mesmo, em círculos e aos saltos. Instintivamente, levei as duas mãos para “acalmar” a minha perna esquerda, e foi então que a vi em pedaços. (José Hamilton Ribeiro, “Eu estive na guerra”. Revista *Realidade*, p. 26, maio de 1968)

Outro exemplo também é, na literatura, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

• MODO DRAMÁTICO (EM 3ª PESSOA)

O narrador se limita a informar o que as personagens fazem e o que falam. O texto se compõe de uma sucessão de cenas. (Neste caso, eliminam-se os estados mentais. Breves notações de cena amarram os diálogos, como no teatro.)

Ação e diálogo: eis a essência deste modo de narrar. Ao leitor cabe deduzir as significações do texto a partir dos movimentos e das palavras das personagens). É o mais utilizado no Jornalismo.

Agora já se eliminou o autor e, depois, o narrador, eliminam-se os estados mentais e limita-se a informação ao que as personagens falam ou fazem, como no teatro, com breves notações de cena amarrando os diálogos. Ao leitor cabe deduzir as significações a partir dos movimentos e palavras das personagens. O ângulo é *frontal* e *fixo*, e a distância entre a história e o leitor, pequena, já que o texto se faz por uma sucessão de cenas.

Exemplo:

Seis meninos correndo na Praça da Sé e a polícia atrás deles. Clóvis, 14, o chefe e o mais velho da turma, leva na mão um pequeno saco plástico. “Pega, pega trombadinha...”, grita quem passa. Com a ajuda de José Batista Fonseca, 33, funcionário do Serviço de Proteção ao Crédito, a Polícia consegue pegar os seis. Em volta, forma-se logo uma roda, que vai crescendo, silenciosamente. (*Folha de S. Paulo*, 7 de março de 1985)

• **ONISCIÊNCIA SELETIVA MÚLTIPLA ou MULTISSELETIVA**

Se da passagem do NARRADOR ONISCIENTE para o NARRADOR-TESTEMUNHA, e para o NARRADOR-PROTAGONISTA, perdeu-se a onisciência, aqui o que se perde é o “alguém” que narra. Não há propriamente NARRADOR. A HISTÓRIA vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. Há um predomínio quase absoluto da CENA.

(Na **CENA**, os acontecimentos são mostrados ao leitor, diretamente, sem a mediação de um narrador que, ao contrário, no **SUMÁRIO**, os conta e os resume; condensa-os, passando por cima dos detalhes e, às vezes, sumariando em poucas páginas um longo tempo da HISTÓRIA.)

Exemplo: *As ondas*, de Virgínia Wolf, um romance marcado por forte introspecção, sem argumento definido, sem conversa, sem ação. Ele é todo escrito como discurso direto de seis personagens – Bernard, Neville, Louis, Jinny, Susan, Rhoda – que falam das suas inquietações, seus sentimentos escondidos.

• **ONISCIÊNCIA SELETIVA**

Esta é uma categoria semelhante à ONISCIÊNCIA SELETIVA MÚLTIPLA, apenas trata-se de uma só personagem e não de muitas.

Exemplo: *O retrato do artista quando jovem*, de James Joyce.